

"Cuba perdeu minha confiança, destruiu minha esperança e traiu meus sonhos. Seguirá seu caminho, mas eu ficarei por aqui."

José Saramago, escritor português, Prêmio Nobel de Literatura de 1998, em crítica ao governo de Fidel Castro publicada no jornal El País, em que considerou imperdoável a execução de três cubanos acusados de terrorismo.

Violência, desemprego e o sonho virtual



MARCELO
CÔRTEZ
NERI

De acordo com as pesquisas de opinião, a violência e o desemprego são os dois problemas que tem ocupado mais os corações e mentes dos brasileiros.

Alguns exploram a relação entre os dois problemas. Por exemplo, Richard Freeman mostra que se incorporássemos à relativamente baixa taxa de desemprego americana o contingente de presidiários a mesma mudaria de patamar, estando mais próximas das congêneres européias. Marcos Lisboa e Mônica Viegas demonstraram que as condições de desemprego durante a juventude são determinantes da probabilidade do indivíduo ser vítima de homicídio.

Esta probabilidade é maior durante todo ciclo de vida do sujeito, e não apenas durante a fase que o desemprego está alto. Os jovens tragados por atividades criminosas tendem a não mudar de vida mesmo que a macroeconomia reaja favoravelmente. Estes custos permanentes do desemprego se aplicam em particular às grandes metrópoles brasileiras que nos últimos anos foram, e continuam sendo, o epicentro da nossa crise econômica e social. Neste sentido, as

mudanças na política social, ocorridas na última década, como a expansão da previdência rural patrocinada pela Constituição de 1988, o projeto Alvorada de Fernando Henrique, ou mesmo o Fome Zero de Lula são altamente meritorias mas não compensam este quadro. Pois o bônus das novas ações foi para os grotões de miséria enquanto o ônus das crises recentes está concentrado nas grandes cidades. Os números do desemprego e da violência brasileira têm a cara dos jovens das periferias. A taxa de desemprego entre 15 e 29 anos é 22,6% quatro vezes e meia maior que as do grupo de 35 a 39 anos, tendo quadruplicado entre 1989 e 2001.

Apesar do quadro de desespero inercial traçado acima, os novos tempos trazem bons augúrios que talvez permitam à nossa sofrida juventude metropolitana mostrar o seu valor. Em primeiro lugar, teremos uma menor pressão populacional dos jovens a bater nas portas do mercado de trabalho nos próximos anos. As projeções de Eduardo Rios Neto e André Golgher do Cedeplar demonstram que as taxas de crescimento da população entre tendem a cair, entre 15 e 19 anos, para -1,5% nos próximos quatro anos.

Em segundo lugar, está em gestação um novo conjunto de políticas públicas voltadas para o segmento metropolitano. A criação do Ministério das Cidades, embora com o orçamento reduzido e o lançamento de programas de primeiro

emprego pelo Ministério do Trabalho e Emprego. Políticas de inclusão digital guardam a promessa de turbinar estas ações. Um programa de primeiro emprego com inclusão digital é como um Pentium 4 comparado a um 486. Ele facilita não só a atuação no posto de trabalho mas o próprio processo de busca de emprego. Hoje os sistemas de intermediação de mão de obra estão na internet.

Não é mera coincidência que o Complexo do Alemão e as favelas da Maré e do Jacarezinho, que ganham destaque nas páginas policiais dos tablóides nacionais, formam o pódio da exclusão digital carioca. Nestas comunidades mais de 96% dos domicílios são sem computador contra 41% do bairro da Lagoa que lidera o ranking da inclusão digital doméstica carioca. Mesmo quando restringimos a análise aos incluídos digitais, aqueles que moram na Lagoa apresentam 6,5 anos a mais de estudo completo e de idade do que dos habitantes das três favelas mencionadas*.

Rodrigo Baggio teve há sete anos atrás um sonho habitado por jovens negros utilizando computadores em favelas. Não era um sonho num sentido figurativo, como aqueles de Martin Luther King ("I have a dream") e John Lennon ("The dream is over") mas um sonho de verdade. Na manhã seguinte e a cada dia desde então, Rodrigo tratou de tornar este sonho a realidade de cada vez mais jovens. De lá para cá, a ONG chamada CDI

formou mais de 350 mil alunos em 19 estados brasileiros e 11 países. O começo da estória foi no Morro Dona Marta, uma favela carioca.

Regularidades empíricas quando robustas ganham o nome de lei. Da mesma forma que os engenheiros tiram partido da lei da gravidade para impulsionar as turbinas de hidroelétricas, a lei de Moore pode ser usada por empreendedores sociais para impulsionar a inclusão digital. A Lei de Moore diz que o preço da unidade de potência dos computadores cai a metade a cada 18 meses. Isto signi-

Há sete anos, Rodrigo Baggio sonhou com jovens negros usando computadores em favelas. Hoje, 350 mil já foram incluídos digitalmente pelo CDI

fica que um computador de última geração adquirido hoje vai valer muito pouco, dentro de pouco tempo. O baixo valor de revenda abre espaço para doações de computadores usados e em bom estado. Complementarmente, pesquisas de opinião revelam que o símbolo de status na nova sociedade está no consumo de itens de estética como academias de ginástica, e produtos eletrônicos, em especial computador. Portanto, cuidado se você estiver gordinho com um notebook wireless defasado, certamente não pas-

sará no teste da praia.

A alta obsolescência tecnológica, ou sociológica, dos computadores leva à possibilidade de doação de equipamentos usados, e em bom estado. Agora a doação digital tem de ser incentivada. Caso contrário ficamos com estas máquinas infernais paradas, juntando pó em nossas casas ou escritórios, quando poderiam ter asa na vida de jovens. De acordo com a PPV do IBGE de 1996, apenas 4,6% dos computadores foram adquiridos por doação. O mercado não sonha o bem comum, a sociedade precisa de utopias. É preciso campanhas de doação de computadores em massa, como a do Natal Sem Fome sonhada por Betinho a mais de uma década. Sugestão: uma campanha com o jingle: neste natal troque seu computador e doe o seu para uma criança pobre, sem parentes, sem carinho, sem rango, sem cobre; deixe na história da sua vida uma notícia nobre (com música de Eduardo Dusek ao fundo).

* Vide o Mapa da Exclusão Digital lançado semana passada pelo Centro de Políticas Sociais da FGV a partir de um desafio colocado pelo Comitê da Democratização da Informática (CDI) e com apoio financeiro da Sun Microsystems, da USAid e da própria FGV. O site www.fgv.br/cps contém 527 mb de informação com mapas e tabelas sobre o tema.

Marcelo Côrtes Neri, chefe do Centro de Políticas Sociais do IBRE/FGV e professor da EPGE/FGV, escreve quinzenalmente às terças-feiras. E-mail: mcneri@fgv.br